

MEMÓRIAS DO RESTO: VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS EM FOZ DO IGUAÇU

ORTEGA, Sigrid Beatriz Varanis¹
TORRES, Mario Rene Rodriguez²

RESUMO

O presente projeto visa criar novos espaços nos quais a universidade possa discutir junto com a comunidade de Foz do Iguaçu sobre o tema da violência e as formas de resistências às ações violentas. Propõe a discussão e o registro de diferentes narrativas (em sentido amplo) de violência e de resistência na cidade, para que funcione como um questionamento da memória coletiva atual e sirva de base para a discussão continuada sobre estes assuntos. Nesta nova etapa do projeto nos focalizaremos nas situações de violência que se deram a partir da construção de um dos maiores símbolos da tríplice fronteira: a Usina Tecnológica de Itaipu. Após realizar um trabalho de memória com os ex-barrageiros e com os outros trabalhadores e trabalhadoras que participaram da construção de Itaipu binacional, focamos agora no registro por meio da história oral da memória de mulheres que viveram na Vila C no período de construção da Itaipu. Entrevistando essas mulheres podemos perceber como essa história é quase sempre masculinizada, silenciando a vivência e a subjetividade de mulheres que também foram marcadas por esse período.

Palavras-chaves: memória, violências, resistências, gênero, Itaipu

1 INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas a cidade de Foz do Iguaçu tem sido apontada como uma das cidades mais violentas do Brasil. Vemos que concomitante à localização estratégica da fronteira, que faz com que se transite em suas bordas as mercadorias-alvo do capitalismo transnacional – o escoamento de armas, drogas e contrabando – há ainda a exploração e retificação territorial das suas reservas naturais, bem como, seu projeto excludente de cidade. Nesta nova etapa do projeto nos focalizaremos nas situações de violência que se deram a partir da construção da Usina Tecnológica de Itaipu devido ao rol fundamental que teve este empreendimento na configuração atual de Foz do Iguaçu. Estudar o legado da construção permite entender melhor a situação da cidade hoje tanto em suas

1 Estudante do Curso de História da América Latina, ILAACH – UNILA; bolsista UNILA. E-mail: sbv.ortega.2017@aluno.unila.edu.br;

2 Docente do Ciclo común, ILAACH – UNILA. Orientador de bolsista UNILA. E-mail: mario.torres@unila.edu.br..

potencialidades como os conflitos que enfrenta. A partir de um questionamento de gênero e poder, onde gênero é percebido como marcador de diferenças e narrativas sociais (e históricas) se tem como objetivo entrevistar com base na metodologia da história oral, mulheres que viveram na Vila C ou nas proximidades da Itaipu na época de sua construção, para entender como a Usina marcou o dia a dia, as subjetividades e as vivências dessas mulheres que acabaram sendo silenciadas das narrativas de construção de memória sobre Itaipu e sobre a cidade de Foz do Iguaçu.

Um dos objetivos do projeto é construir uma plataforma virtual para tornar público esses relatos, assim como ser um arquivo com todas as outras entrevistas já realizadas noutras fases do projeto, com ex-barrageiros e trabalhadores e trabalhadoras da Itaipu. A esse arquivo de materiais múltiplas aludimos com o título do projeto, “memórias do resto”. O “resto” não se refere aqui a uns poucos que sobraram ou sobreviveram a uma ação violenta. O “resto” é o contrário de uns poucos indivíduos, são “todos os demais” – uma multidão de seres que tem resistido e resistem e não cabem em nenhuma classificação identitária fixa. Esperamos que o presente projeto de extensão fortaleça os vínculos entre universidade e sociedade, com ênfase na situação local. A discussão localmente contextualizada da violência almeja colocar a universidade na posição de acompanhamento das demandas das vítimas de violência junto ao poder público.

2 METODOLOGIA

Reuniões a cada 15 dias para discutir leituras, assim como planejar as atividades junto com a comunidade e fazer a avaliação das mesmas. A maior parte dessas atividades consistirá na realização de entrevistas semi-estruturadas às mulheres que residem ou já residiram na Vila C, as quais também realizadas a cada 15 dias, em semanas diferentes a dos nossos encontros de grupo. As entrevistas são feitas na casa dessas próprias mulheres, a partir do contato prévio por telefone. O material coletado nas entrevistas será organizado em uma plataforma virtual, que entrará em funcionamento a partir do segundo semestre de 2018 com atualizações regulares.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Giorgio Agamben tomou o conceito de “vida nua” ou “mera vida” (*blosses Leben*), a vida sacrificável, que não deixaria de existir (muito pelo contrário) nos atuais Estados democráticos. Agamben é um autor fundamental das últimas décadas para pensar a relação entre violência e as novas formas de soberania. Seu conceito de “vida nua” nos coloca diante de uma pergunta básica para nosso projeto: sobre que vidas é possível exercer a violência sem nenhum tipo de punição? Sobre este último ponto consideramos fundamentais também as recentes considerações de Judith Butler sobre as diferentes formas de distribuição da “vulnerabilidade” no mundo. Nos parece que as questões relativas à violência e à resistência na América Latina não podem ser bem compreendidas sem levar em consideração a herança colonial de nossos países, por isso recorreremos também a algumas colocações de teóricos como Frantz Fanon (em particular suas análises da estrutura e dinâmicas da violência colonial) e, do contexto especificamente latino-americano, Rita Segato, Anibal Quijano e Walter Mignolo. Outra figura importante para nosso projeto neste sentido é Silvia Rivera Cusicanqui, com quem compartilhamos seu esforço de construção conjunta a partir da história oral, entendida esta como “un ejercicio colectivo de desalienación, tanto para el investigador como para su interlocutor”, no qual “*el proceso de sistematización asume la forma de una síntesis dialéctica entre dos (o más) polos activos de reflexión y conceptualización, ya no entre un 'ego cognoscente' y un 'otro pasivo', sino entre dos sujetos que reflexionan juntos sobre su experiencia y sobre la visión que cada uno tiene del otro*”. Consideramos também algumas teóricas importantes sobre a relação entre gênero e história, como Michele Perrot e Joan Scott.

4 RESULTADOS

Após entrevistar mulheres que vivem e já viveram na Vila C e nas regiões próximas ao Itaipu, considerando o lado paraguaio, podemos perceber a forte ligação entre a identidade dessas mulheres e a obra da hidrelétrica. Percebe-se também o relato de outras subjetividades para além da obra em si, mas das vivências enquanto bairro e comunidade. Como um exemplo, podemos citar a entrevistada Elza Finato nascida em 29 de outubro de 1972, natural de Céu Azul, Paraná. Mudou-se para a Área 6, no Paraguai, aos 5 anos de idade, quando seu pai começou a trabalhar como carpinteiro na Itaipu. Uma das recordações que cita é de quando ia para a pré-escola e via de longe “pontinhos laranjas”, os trabalhadores

com seus capacetes, sabendo que um deles seria seu pai. Um tempo depois, mudou-se com a família para a Vila C, logo no início da vila. Elza relata "havia apenas terra e casas, não tinha árvores, tínhamos asfalto somente na rua principal, que era da guarita até o fim da vila nova. Vivi por 9 anos na rua Florianópolis." Outra recordação forte é de quando as pessoas começaram a fazer jardins em frente de suas casas e dos concursos de horta da vila. Após alguns anos, seu pai foi promovido para auxiliar de segurança. Assim, foram morar na Vila A, onde ganharam uma casa. Elza relata como os bairros (Vila A, Vila B e Vila C) eram divididos por categoria de trabalho e comenta que quando chegou na vila A, frequentou o Clube do bairro, que diferente do Centro comunitário vila C, tinha piscina, espaço para bailes e festas mais importantes, mas era um espaço pago. Após dois anos, seu pai foi demitido, pois a obra já estava chegando ao fim. Em 2005, ao retornar para visitar a Itaipu e a Vila C, Elza diz ter chorado muito, pois uma parte da sua vida está ali. Ela diz se sentir parte da Itaipu, parte da obra. Elza vive hoje em São Paulo, Santos.

5 CONCLUSÕES

O projeto "Memórias do Resto: Violências e Resistências em Foz do Iguaçu" após uma série de entrevistas com recorte de gênero e história oral, questiona a memória coletiva sobre o processo de construção da Itaipu, pensada apenas a partir da linguagem e da perspectiva masculina. Com o relato de diferentes mulheres, procurou ouvi-las como agentes históricos desse período, respeitando as temporalidades e as memórias mais marcantes de cada uma. Percebe-se ao final uma relação de identidade muito forte construída junto com a Itaipu e aos anos que viveram com parentes ligados a hidrelétrica.

6 PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agamben, Giorgio. Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua I. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2002.

Arendt, Hannah. Da Violência. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

Ribeiro, Maria de Fátima Bento. Memórias do concreto: vozes na construção de Itaipu. Cascavel: Edunioeste, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero y História. México: FCE, Universidad Autonoma de la Ciudad de México, 2008.

SESSI, Valdir. “O povo do abismo”: Trabalhadores e o aparato repressivo durante a construção da Hidrelétrica de Itaipu (1974 – 1987); Dissertação de Mestrado, Unioeste – Marechal Cândido Rondon-PR, 2011.